Resolução de conflitos e violência de gênero: trabalhando as desigualdades na escola

Valéria Amorim Arantes (USP)
Resolução de conflitos; violência de gênero; desigualdades
ST 42 - Gênero, violência e direitos humanos

Há muitas maneiras de situar-se diante da violência contra as mulheres. Podemos estar ao seu lado sem "vê-la", podemos negar sua existência, aceitá-la ou lutar contra ela, muitas vezes sem sermos plenamente conscientes da atitude tomada. Isso porquê, se no plano social a discriminação das mulheres é, claramente, uma transgressão aos direitos humanos, do ponto de vista psicológico contempla vínculos afetivos que exercem importante papel na construção de relações entre homens e mulheres dentro de uma estrutura de submissão e domínio. Tal ordem social, que usa as diferenças de sexo para estabelecer o domínio de umas pessoas sobre as outras, está refletida nas representações subjetivas com que cada indivíduo, em função de sua história pessoal, posiciona-se frente a essa violência. E onde estariam as origens dessas relações e representações?

As relações pautadas numa perspectiva androcêntrica têm suas origens no sistema de valores que sustentavam as relações de gênero da cultura grega. O Timeo[1], de Platão - *Dos homens criados ao princípio, os que tiveram uma conduta covarde e injusta renasceram na segunda geração como mulheres* -, ou a Política, de Aristóteles[2] – *Entre os bárbaros, contudo, a mulher e escravo confundem-se na mesma classe; a razão disso é que não há entre eles quem seja capaz, por natureza, de comandar, e sua associação é a de um escravo ou escrava*; *Os pobres, ao não terem escravos, devem empregar suas mulheres e filhos como serviçais* -, parecem sinalizar como uma visão de mundo subordinada aos interesses masculinos e legitimada ao longo da história, pode favorecer certas crenças e, mais ainda, nos predispor a aceitá-las. Tal é o caso da dominação de origem patriarcal que, perpetuada historicamente, não só naturaliza as exclusões, os preconceitos e a discriminação das mulheres, como também estabelece padrões sociais, culturais e psicológicos de feminilidade e de masculinidade que favorecem a violência (física e psíquica) contra a mulher.

E qual o papel da escola no processo de transmissão de modelos segregacionistas, de discriminação das mulheres? Em que medida a instituição escolar contribui para exclusões, preconceitos e discriminações advindas das diferenças de gênero? Como superar o sexismo na escola e na sociedade brasileiras? Como promover uma educação ética que favoreça a convivência não discriminatória entre homens e mulheres?

Tais questões, que contemplam nossas preocupações como pesquisadora e educadora, levaram-nos a desenvolver um projeto de pesquisa[3] durante um ano, junto a uma escola pública da cidade de São Paulo, estudando as desigualdades e a violência de gênero por meio da resolução de

conflitos. Dentre vários objetivos, nos propusemos a desenvolver projetos e ações que privilegiassem a construção de estratégias e de valores ancorados em fundamentos de ética, direitos humanos e na igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres, em situações de resolução de conflitos de gênero. Mais especificamente, buscamos promover projetos interdisciplinares e transversais que transformassem os conflitos de gênero em instrumentos valiosos na construção da capacidade dialógica e de uma co-participação responsável, favorecendo uma formação que permita conhecer, criticar e superar as desigualdades de gênero.

Diversas perspectivas teóricas (Inhelder, 1994; Noam & Fischer, 1996; Johnson & Johnson, 1999; Wievioirka, 1999; Schinitman & Littlejohn, 1999; Sastre & Moreno, 2002; Vinyamata, 2005, entre outros)[4] apostam no conflito como fator de desenvolvimento cognitivo e emocional, extremamente importante para a formação psíquica do sujeito. Muitas teorias dão-nos indicações de que nos constituímos e somos constituídos a partir da relação direta ou mediada com o outro. Nessa relação, somos obrigados a encontrar diferenças e semelhanças que fazem com que descubramos novas alternativas que incitam a reflexão sobre nós mesmos e sobre os demais. O conflito mostra-se, assim, fundamental para a constituição psíquica, cognitiva, afetiva, ideológica, social e moral do ser humano. No caso do nosso projeto, acreditamos que iniciamos um processo - com um longo caminho ainda a ser seguido -, no qual obtivemos resultados promissores.

Apesar de a pesquisa contar com a colaboração de muitas pessoas - incluindo o(a)s professore(a)s da escola, estudantes de pós-graduação e outros colegas da Universidade de São Paulo -, trabalhamos diretamente com quatro professoras e um professor que receberam bolsas[5] e que se responsabilizaram pelo desenvolvimento cotidiano das ações relacionadas ao projeto.

No que tange à metodologia da pesquisa, assumimos o caráter de investigação qualitativa, a partir das características apontadas por Bogdan e Biklen (1982), citadas por Ludke e André (1986)[6]: a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados; os dados coletados são predominantemente descritivos; a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; o "significado" que as pessoas dão às coisas é o foco de atenção especial do pesquisador; e a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Assumimos, também, princípios de *multimétodo*. De acordo com Denzin & Lincoln[7] (1994, apud Valles, p.99) as investigações qualitativas são inerentemente *multimétodo* e os autores afirmam que *"la combinación de múltiples métodos, materiales empíricos, perspectivas y observadores en un solo estudio se entiende mejor como una estrategia que añade rigor, alcance, y profundidad a cualquier investigación"*.

Dentre os vários instrumentos empregados, visando responder aos problemas da investigação, destacamos para o presente simpósio: 1) Intervenção no cotidiano da escola e de suas relações com os conteúdos educativos e com a comunidade, visando promover a compreensão das

situações de conflitos de gênero cotidianos e os valores morais subjacentes às causas e às estratégias de resolução dos mesmos; 2) Busca de dados qualitativos e quantitativos que permitissem sistematizar cientificamente os resultados da investigação; neste caso, foi realizado um pré-teste e um pós-teste para avaliar o impacto das intervenções.

Apesar de as ações da pesquisa terem atingido toda a instituição escolar, aqueles estudantes que responderam efetivamente ao pré-teste e pós-teste foram 72 estudantes da 8ª série (46 mulheres e 26 homens), contemplados nos resultados que mencionaremos mais adiante.

No tocante ao primeiro instrumento, ressaltamos que nosso papel enquanto pesquisadora da universidade não foi o de intervir diretamente no cotidiano da escola. Existe um razoável consenso hoje em dia de que a escola precisa mudar a partir da conscientização e das práticas coletivas de seus próprios agentes. Assim, nossa função esteve mais relacionada a uma assessoria acadêmica, fornecendo apoio ao trabalho em desenvolvimento e ajudando a fortalecer e a agregar experiências que em geral ficam dispersas na escola, em torno de objetivos comuns: a construção de valores de democracia e de cidadania articulada com questões de gênero na resolução de conflitos interpessoais.

De forma geral podemos sintetizar o primeiro instrumento em cinco frentes diferentes e complementares de trabalho. Apesar de abrangentes, o foco de nossas intervenções foi as desigualdades e a violência de gênero por meio de estratégias de resolução de conflitos. São elas:

1. **Planejamento de ações** – Mantivemos reuniões individuais a cada quinze dias (entre a equipe da USP e cada bolsista), com o intuito de assessorar no desenvolvimento dos subprojetos; e reuniões gerais a cada semana (entre a equipe da USP e todos os bolsistas), com o intuito de acompanhar a rotina da escola e socializar as ações desenvolvidas, com vistas a uma articulação entre elas.
2. **Fórum Escolar de Educação Comunitária** - Um segundo aspecto relacionado à intervenção foi o estabelecimento de um compromisso com os professores-bolsistas e com a Direção da escola para que organizassem regularmente reuniões dos *Fóruns Escolares de Educação Comunitária* na escola. O "Fórum escolar de educação comunitária" tem como papel essencial articular os diversos segmentos da comunidade, escolar e não-escolar, que se disponha a atuar no desenvolvimento de ações mobilizadoras em torno das temáticas de ética, democracia e cidadania no convívio escolar.
3. **A Pedagogia de Projetos** - O terceiro aspecto que direcionou ações de intervenção no cotidiano da escola e da comunidade foi a proposta de se promover mudanças na organização do trabalho pedagógico, no sentido de criar condições para que os conteúdos acadêmicos, as metodologias empregadas nas aulas e as relações entre os membros da comunidade escolar passassem a focar a construção de valores éticos e democráticos. Para tanto, trabalhamos com a proposta de implementar a pedagogia de projetos, aliada a princípios de transversalidade e

interdisciplinaridade, como base para o desenvolvimento de ações que integrem questões de gênero, ética e cidadania ao currículo da escola participante.

4. **Trilhas, mapas e roteiros** - A realização de "trilhas" pedagógicas, fora dos espaços escolares foi um quarto aspecto considerado nas ações de intervenção na escola. Com isso, professores e alunos eram incentivados a levar a escola para "fora" de seus muros e, dessa forma, promover a articulação entre a escola e os espaços de aprendizagem de seu entorno.
5. **As ações de formação de professores** - A formação dos professores-bolsistas e dos demais docentes da escola com os pressupostos teóricos e práticos deste projeto foram umas das bases mais importantes do trabalho. Além de nossas ações neste quesito terem se configurado no decorrer do projeto como uma formação continuada, seu principal foi capacitar os docentes para o trabalho com a resolução de conflitos de gênero.

Quanto ao segundo instrumento citado, de busca de dados qualitativos e quantitativos que permitissem sistematizar cientificamente os resultados da investigação, são fruto de nossas iniciativas de analisar e "avaliar" (com todo o cuidado que esse termo merece numa pesquisa qualitativa) tanto os processos de construção de conhecimentos, ações e relações; quanto os elementos que trouxessem indícios de eventuais mudanças em torno das relações interpessoais e ao manejo da situação conflitiva.

Nesse sentido, no transcorrer da investigação lançamos mão de inúmeros instrumentos metodológicos, como observações diretas e indiretas, diários de campo, entrevistas individuais orais e por escrito, questionários abertos, e relatórios dos professores-bolsistas sobre o desenvolvimento de seus subprojetos. Todas as informações coletadas através desses instrumentos compõem a base de dados que utilizamos na pesquisa para analisar e avaliar as intervenções realizadas.

Para o presente Simpósio, considerando a grande quantidade de dados e resultados obtidos, focaremos nossa apresentação em apenas um dos três instrumentos utilizados com os estudantes. Através desse instrumento visamos identificar suas representações sobre os valores subjacentes aos conflitos de gênero, suas causas e estratégias de resolução. A seguir apresentamos as perguntas que compuseram o referido instrumento, respondido por escrito e anonimamente pelos estudantes:

1. *Conte um conflito vivido entre um homem e uma mulher. Pode ser um conflito que aconteceu com você ou com alguém que você conhece.*
2. *Em sua opinião, por que esse conflito aconteceu?*
3. *O que o homem e a mulher fizeram para que esse conflito acontecesse?*
4. *Qual seria a melhor forma de resolver esse conflito? Por quê? Explique detalhadamente.*

A construção deste instrumento, aplicado no início e no final do projeto, teve duplo objetivo: primeiro, identificar e analisar os tipos de conflitos de gênero vividos por aquela comunidade, bem como investigar os valores subjacentes às suas causas e às estratégias de

resolução; segundo, identificar possíveis mudanças e/ou avanços nas representações dos estudantes sobre a temática abordada.

A partir desse instrumento pudemos na posição de pesquisadora, por um lado verificar a existência de respostas violentas, resultantes de conflitos coletivos, sociais e familiares (um trabalho de diagnóstico); e, por outro lado, trazê-las para o âmbito público e, mais especificamente, para o âmbito escolar. Quebrar o silenciamento que envolve os conflitos de gênero - e que não podem ser vistos como questões da vida privada - era imprescindível para se criar espaços educativos que representassem um movimento de transformação e de rompimento dos cercos.

Nosso primeiro passo foi torná-los "visíveis" para aqueles que promoveriam tal movimento: os professores. O segundo passo foi, através dos projetos por eles desenvolvidos, problematizar a referida temática junto aos estudantes, explicitando as desigualdades de gênero, tirando da invisibilidade a discriminação, o preconceito e a violência em função do gênero. Vejamos alguns resultados que parecem sinalizar que demos um passo importante nessa direção.

No início do projeto tivemos apenas 25% da amostra masculina que retratou, em seus conflitos, a violência contra a mulher; no final este percentual subiu para 47% (as mulheres mantiveram o mesmo percentual antes e depois da intervenção).

Mais significativo parece-nos o fato de termos conseguido mudanças na forma como os estudantes analisaram os conflitos de gênero depois da intervenção. Antes da intervenção tivemos um número alto de sujeitos que, ao analisarem as causas dos conflitos de gênero, ou promoveram um reducionismo visível[8] (47% deles), ou apontaram causas externas ao referido conflito (33% deles). Após a intervenção estes números sofreram uma queda considerável (27% e 4%, respectivamente). O que foi mais importante, no entanto, foi o fato de termos conseguido um aumento no número de sujeitos que conseguiram identificar as causas internas dos conflitos (20% no início da pesquisa para 59% no final dela).

Somado a isso, identificamos mudanças significativas, também, no que tange às estratégias de resolução, propostas pelos mesmos sujeitos, para os conflitos em questão. Antes da intervenção tivemos um percentual baixo de estratégias pautadas em princípios morais (propositivos e/ou dialógicas): apenas 35% das respostas. Após a intervenção este percentual subiu para 81%. Se considerarmos as diferenças entre alunos e alunas, identificamos que: no pré-teste 50% dos homens e 27% das mulheres apresentaram respostas categorizadas como "propositivas e/ou dialógicas"; no pós-teste esses números saltam para 65% dos homens e 89% das mulheres.

Tais resultados (e outros que não trazemos nesse texto) dão-nos indícios de que a violência de gênero tornou-se "visível" para aqueles estudantes. Acreditamos que, para além de sua visibilidade, ocorreu um processo de aprendizagem no campo da resolução de conflitos e os projetos desenvolvidos pelos docentes favoreceram a compreensão dos fundamentos da ética, dos

direitos humanos e, em especial, da igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres. Trata-se, pois, de um indício de que estes estudantes conseguiram vislumbrar novas formas de resolver os conflitos em questão, coerentes com valores éticos e democráticos.

Começamos este artigo referindo-nos à dimensão psicológica da violência contra as mulheres. Adentrar as representações subjetivas com que cada indivíduo posiciona-se frente a essa violência parece-nos fundamental para superarmos o sexismo e favorecer a construção de relações entre homens e mulheres pautadas em valores éticos, democráticos e de cidadania. E isso pressupõe, entre outras coisas, que o(a)s professore(a)s tomem consciência da necessidade de se romper com uma cadeia de transmissão social de atitudes patriarcais e, acima, de tudo, tomem consciência da força que têm para fazê-lo e para promover mudanças. Elas são necessárias e urgentes.

---

[1] Platón.*Timeo*. Madrid: Aguilar, 1969.
[2] Aristóteles. *Política.* Barcelona: Ediciones Folio, 1999.
[3] Projeto financiado pela FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.
[4] Inhelder, B. Et al. (1996). *O desenrolar das descobertas da criança: pesquisa acerca das microgêneses cognitivas*. Porto Alegre: Artes Médicas; Johnson, D. W. & Johnson, R. T. (1999). *Cómo reducer la violencia en las esculas.* Barcelona: Paidós; Noam, G. & Fischer, K. W. *Development and vulnerability in close relationships.* The Jean Piaget Symposium series. Hillsdale, NJ, England: Lawrence Erlbaum Associates, 1996; Schnitman, D. & Littlejohn, S. (orgs). (1999). *Novos paradigmas em mediação*. São Paulo: Artes Médicas; Sastre, G. & Moreno, M. *Resolução de conflitos e aprendizagem emocional.* São Paulo: Moderna, 2002; Vinymata, E. (2005). *Aprender a partir do conflito: conflitologia e educação*. Porto Alegre: Artmed; Wieviorka, M. *Violence en France*. Paris: Éditions du Seuil; 1999.
[5] Estes professores receberam Bolsas EP-II da FAPESP, conforme previsto no Programa Melhoria do Ensino Público dessa mesma instituição.
[6] Ludke, M. & André, Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.* São Paulo: E.P.U,1986.
[7]Valles, M. S. (1999). *Técnicas cualitativas de investigación social reflexión metodológica y práctica profesional.* Barcelona: Editorial Síntesis Sociologia Ltda.
[8] As categorias serão descritas e exemplificadas durante apresentação no Seminário.